

BRUNO MOSSA DE REZENDE

com Davide Romani e Gian Paolo Maini

ENTRE SOMBRAS
E VITÓRIAS



*Para meu avô Condorcet,
que está sempre em meu coração.*

O MELHOR SUB-5 DO BRASIL

Nasci no Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1986. Já por esse motivo eu deveria ter entendido que gosto de estar no centro do jogo: escolho o dia que divide o ano exatamente na metade, o 183º.

Meu pai, Bernardo Rezende – chamado de “Bernardinho” por todos – é uma lenda do vôlei. Como levantador, obteve uma prata no Campeonato Mundial de Buenos Aires, em 1982, outra na Olimpíada de Los Angeles, em 1984, além de três títulos sul-americanos. Minha mãe, Vera Mossa, também jogadora de vôlei, participou dos Jogos Olímpicos de Moscou de 1980 e do Mundial de 1982. Quando nasci, meu pai estava encerrando a carreira de atleta e dando os primeiros passos como treinador. Minha mãe tinha ganhado o segundo título brasileiro consecutivo com o Supergasbrás, o clube do Rio de Janeiro.

Em resumo, sou um filho do esporte.

Não tenho lembrança da Olimpíada de Seul, pois em 1988 eu tinha apenas 2 anos. Mas sei que meus pais voltaram para casa sem medalhas. Minha mãe ficou de fora das quartas; papai, como segundo técnico de uma lenda como Bebeto, perdeu a semifinal contra os EUA e a disputa pelo bronze contra a Argentina.

A Itália entrou em nossa vida no ano seguinte. O time feminino

do Perugia, que tinha acabado de subir para a primeira divisão e vinha de seis derrotas consecutivas, havia demitido o sul-coreano Park Ki-won e decidido confiar a equipe a um jovem treinador brasileiro muito bem falado... Assim, em 8 de dezembro de 1989, o clube anunciou a chegada de Bernardinho e deu a ele a tarefa de salvar o time.

Parecia uma missão impossível. Das primeiras 11 partidas, o Perugia venceu apenas uma. Mas meu pai já era um treinador que fazia a diferença e sabia como lidar com as dificuldades. Ele arrumou a equipe e terminou a temporada na 12^a posição.

Por cerca de seis meses, meu pai morou na Itália enquanto minha mãe ficou no Brasil comigo e com meu irmão Éder, filho de seu primeiro casamento. Mas essa situação não durou muito: no ano seguinte reunimos a família e fomos todos morar com meu pai. Nessa mesma época minha mãe foi contratada pelo Perugia, para jogar sob o comando de Bernardinho.

Quando chegamos, encontramos uma Itália enfeitada para receber a Copa do Mundo de Futebol. O Brasil foi eliminado nas oitavas contra nossos rivais históricos, a Argentina.

Quanto a nós, tentávamos nos ambientar: nova língua, novos hábitos...

Em Perugia, o PalaEvangelisti – uma arena esportiva que lembra um hangar – tornou-se minha segunda casa. Em geral, eu e Éder íamos para o treino junto com nossos pais, mas às vezes ficávamos em casa com a sra. Marcia, uma brasileira que morava com a gente, fazendo as funções de babá e empregada. O trabalho dela não era nada fácil. Nós éramos simpáticos, radiantes, sorrientes, mas terrivelmente agitados.

Um dia a sra. Marcia precisou ligar às pressas para o meu pai durante o treino.

– Sr. Bernardo... aconteceu um problema! – gritou ela ao telefone.

– Marcia, se acalme e me explique o que houve – respondeu papai.

– Os meninos... os meninos...

– Qual o problema com os meninos? – questionou ele. – O que aconteceu? Você está me assustando.

– Eles estavam brincando... e... de repente o armário caiu em cima deles!

– Como eles estão? Me diga como estão! – A voz do meu pai ficava cada vez mais agitada. – Eles se machucaram?

– Bruno está preso, não consigo tirá-lo lá de baixo...

Meu pai mal deixou que ela terminasse a frase: desligou o telefone, suspendeu o treino, chamou minha mãe e correu para casa. Por sorte, a situação era menos trágica do que eles temiam. Tive apenas alguns arranhões, mas eu e meu irmão levamos uma bronca daquelas. Depois disso, não é que tenhamos mudado nosso jeito de brincar, mas pelo menos os móveis ficavam no lugar, o que já era uma grande vitória.

Nessa mesma casa, às vezes aconteciam encontros em que o time assistia aos vídeos (na época em VHS) das equipes adversárias. O grupo todo participava – jogadoras, comissão técnica, ninguém ficava de fora. Para mim, esses foram os primeiros momentos de “vestiário”. Eu tinha apenas 4 anos, mas já começava a respirar e viver aquele senso de comunidade que me acompanharia para sempre, no esporte e na vida. Acho que foi justamente naquelas longuíssimas e maravilhosas tardes que nasceu a consciência da importância do grupo e do quanto isso pode fazer a diferença. É por isso que é fundamental estarmos juntos: no ginásio e, principalmente, fora dele.

Minha energia e meu desejo de descobrir o mundo aumentavam à medida que meu corpo crescia. Do lado de fora do PalaEvangelisti, no estacionamento, havia uma pequena rampa onde aprendi a andar de bicicleta. Eu subia e descia, subia e

descia, sem parar, sem fim. A ideia de dominar aquele veículo fez com que eu me sentisse adulto de repente. Foi minha primeira conquista, que tinha como pano de fundo a imagem familiar da arena esportiva. Desde aquela época, vôlei, para mim, significava casa, família, vida.

Além do mais, eu adorava me entregar aos mimos das companheiras de time da minha mãe. Tinha uma queda por Giorgia Marchi. Ficava vermelho quando ela me olhava. Que sorriso maravilhoso! Lembro-me nitidamente dele até hoje. Às vezes eu tirava uma soneca no banco de reservas, embalado pelo estrondo das cortadas certeiras. Na maioria das vezes, eu pegava uma bola e começava a brincar. Mas o momento mais esperado era o fim da sessão: enquanto a equipe estava treinando, eu não podia atrapalhar. Então esperava a minha vez, embora ansioso para jogar com mamãe e papai. Eu me sentia nas nuvens quando enfim ouvia a voz deles.

– Pode vir, Bruno!

A quadra, mamãe, papai e eu. A melhor coisa que existe. Aquelas foram as primeiras “jogadas em dupla” da minha vida. Um exercício básico do vôlei: um jogador em frente ao outro mantendo a bola no ar com manchetes, levantamentos e cortadas.

Outras vezes, eu observava um a um os torcedores e funcionários que acompanhavam o treino dos assentos da arena, e, quando o rosto me parecia adequado, eu entrava em ação. Inocente, me aproximava sorrindo e dizia:

– Quer jogar vôlei comigo?

A “rede” era o parapeito vermelho de metal que separa a quadra das arquibancadas – a altura ideal para alguém da minha idade.

– Eu começo, tudo bem?

Quem ousaria dizer não a uma criança?

– Tudo bem – a pessoa respondia.

Então eu levantava a bola numa manchete e cortava, gritando para meu oponente:

– Pega essa!

Se percebesse que o adversário me deixava vencer só porque eu era pequeno (infelizmente acontecia), eu colocava a bola de baixo do braço e acabava com o jogo.

– Eu ganhei, obrigado – dizia. – Agora vou procurar outra pessoa.

E partia em busca de um novo adversário. Meu espírito competitivo já era fora do comum. Desde pequeno, perder sempre me incomodou, e isso foi algo que tive que trabalhar durante toda a minha vida.

Herdei essa característica do meu pai. Ele é obcecado pela vitória, e eu tenho essa mesma obsessão no DNA. O temperamento dele é forte, austero, arisco, mas ao mesmo tempo extrovertido e generoso. Já minha mãe é de uma docura desarmante, quando me abraça o mundo sorri para mim. É linda, naturalmente empática, sensível, intensa: eu me reconheço em muitos aspectos dela até hoje.

Minha mãe sempre estava disponível para me desafiar no Pega-varetas ou no Pedra, papel e tesoura. Quando ela me convivia para jogar qualquer coisa, eu aceitava na hora.

Já nessa idade, o vôlei estava nos meus pensamentos, embora eu não tivesse consciência disso. Certa noite, o time e a comissão técnica saíram para jantar enquanto eu fiquei em casa com a sra. Marcia e meu irmão. Quando voltaram, me encontraram sentado em frente à televisão, segurando uma folha quadriculada e uma caneta. Na tela, via-se uma quadra laranja com uma rede que a dividia ao meio.

Papai se aproximou, deu uma olhada na TV e perguntou:

– Bruno, o que você está fazendo?

– Estou vendo um jogo – respondi, seguro.

– E está desenhando ao mesmo tempo? – um dos assistentes do papai perguntou.

– Como assim? Não! Você acha que dá para ver um jogo e desenhar ao mesmo tempo? – rebati, quase aborrecido.

– Então por que está com essa folha e essa caneta? – indagou papai.

– Estou analisando a partida para vocês – expliquei, com um sorriso satisfeito. – Vocês saíram para jantar e eu comecei a estudar o time adversário de domingo que vem.

Na época os levantamentos estatísticos eram feitos assim: vendendo e revendo os vídeos dos jogos e desenhando as trajetórias de ataque nas folhas quadriculadas. Algumas dessas folhas ainda estão guardadas em Campinas, na casa da minha avó. Mesmo que inconscientemente, elas representam meu primeiro ponto de contato com o vôlei dos adultos.

Meses depois conheci Julio Velasco, argentino que treinava a seleção italiana, o time que dominaria o vôlei internacional na década de 1990. Papai e mamãe me levaram a um evento e em determinado momento encontramos Velasco. Eu não tive dúvida ao me apresentar:

– Sou Bruno, o melhor sub-5 do Brasil.

Assim, direto.

Velasco arregalou os olhos, meu pai me olhou espantado, e depois de um breve instante de constrangimento os dois explodiram numa gargalhada.

Minha sinceridade infantil não tinha filtros. Aconteceu uma situação semelhante com Renan Dal Zotto, na época ponteiro no Parma. Renan é um monumento do vôlei brasileiro. Ele jogava com meu pai quando a seleção conquistou a prata na Olimpíada de Los Angeles, em 1984.

– Bruno, quem é o melhor jogador do mundo? – ele me perguntou com um sorriso.

Não hesitei nem por um instante:

– Renan, você é ótimo, mas o melhor é o Karch Kiraly – respondi, convicto.

Kiraly era ninguém menos que o jogador símbolo do time americano que destruiu o sonho brasileiro do ouro olímpico em Los Angeles.

Por sorte, Dal Zotto começou a rir. Inconscientemente ou não, desde criança eu não tenho medo de nada nem de ninguém.

>>>

Nesse meio-tempo, o Perugia havia se tornado um time de primeiro nível do vôlei feminino, tanto que em abril de 1992 a equipe dos meus pais estava disputando as finais da Copa Itália. O PalaPanini, em Modena, onde aconteceram os jogos, me deixou arrepiado: era tão grande e majestoso! Mal sabia eu o quanto esse ginásio se tornaria parte da minha vida. Havia dois anéis para os espectadores, um teto altíssimo, com as curvas lotadas de gente, cores, bandeiras. Uma maravilha absoluta.

Na final, o Perugia desafiou o Matera. A partida foi muito equilibrada, chegando ao quinto set, 16 a 16. Na época o tie-break não passava do 17º ponto. Então mamãe deu uma cortada diagonal fechada indefensável e fez o ponto que definiu o jogo. Enlouqueci de alegria. Eu não estava jogando, mas era como se estivesse. Essa é a minha primeira lembrança de um título dos meus pais e foi uma emoção muito grande.

A família Rezende-Mossa encerrou a experiência em Perugia com duas finais consecutivas: a primeira em 1991 contra o Ravenna, a segunda em 1992 contra o Matera, uma Copa Itália perdida e outra ganha. Um resultado maravilhoso para uma equipe que, apenas dois anos antes, foi derrotada em 10 dos primeiros 11 jogos do campeonato.

Nesse momento, meu pai migrou para o vôlei masculino e foi contratado pelo Modena. O Modena está para o vôlei como o Real Madrid ou o Barcelona estão para o futebol. Mas em pouco tempo ele descobriria que havia chegado na temporada errada. Mamãe também mudou de time e partiu para o Sumirago. Eu e meu irmão fomos morar com ela na Lombardia. Encontramos uma casa em Albizzate, pertinho da arena, e a Anna, a senhora que ajudava na nossa casa do Rio, foi com a gente. Nos fins de semana, íamos visitar meu pai na Emília-Romanha.

Foi lá que comecei minha aventura escolar. Matriculado na alfabetização, eu já falava italiano melhor do que meus pais.

Naquela temporada, minha mãe terminou o campeonato em 10º lugar, a mesma posição do meu pai no Modena. Ela estava num time de transição. No ano seguinte chegaria o novo presidente, Giovanni Vandelli, e a equipe voltaria a ganhar. Mas meu pai não permaneceu lá para descobrir isso. Ao final da temporada de 1992-93, a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) tomou uma decisão que mudou a vida dele – e, consequentemente, a minha também. Bernardo foi nomeado técnico do time feminino do Brasil. Minha mãe, no entanto, decidiu ficar mais duas temporadas em Sumirago.

Em 1994, a vida me pôs à prova pela primeira vez e, como aconteceria com frequência no futuro, de um modo totalmente inesperado. No dia seguinte à minha festa de aniversário de 8 anos – um 3 de julho que nunca mais vou esquecer –, meus pais me contaram que iam se separar. Foi um choque, sem nenhum aviso. Eles me pareciam felizes. Por que isso estava acontecendo?

Fiquei triste, tentei entender, mas foi muito difícil para mim. Não demorei a me acostumar avê-los com outras pessoas, só que, ainda assim, algo tinha mudado dentro de mim.

Acho que tudo isso influenciou minha vida “nômade” depois de adulto. O Murilo, meu amigo e companheiro de aventuras na

seleção (e um dos maiores ponteiros que o Brasil já teve), sempre me dizia: “Bruno, tenha uma casa sua, compre um refúgio.” Ele falava isso porque sempre fiquei indo e vindo entre a casa da minha mãe, do meu pai e dos meus avós, até chegar à acomodação designada a mim pelos clubes onde jogo. Talvez seja justamente a herança da separação dos meus pais que me fez viver assim.

Dessa forma, no início de 1994, voltei para o Brasil e fui morar com meu pai no Rio de Janeiro. Na Itália eu havia feito amigos e encontrado uma família unida pela mesma paixão que eu. Eu teria que recomeçar do zero, vendo meus pais substituírem os sorrisos por olhares distantes. Eles eram carinhosos comigo, entendiam a fase complicada que eu estava atravessando, continuavam a se respeitar e nunca diziam nada de ruim sobre o outro. Mas eu estaria mentindo se dissesse que me sentia bem com aquela situação

Foi no Rio, em 1996, que vivi minha primeira aventura no vôlei. Comecei a jogar no Fluminense, o mesmo clube em que papai começou; eu me inscrevi quase por inércia, como se o filho de Bernardinho e Vera Mossa não pudesse fazer nada além de jogar vôlei.

Meu pai acreditava que o Fluminense seria o melhor lugar para mim porque era lá que estava o mestre Bené, seu primeiro treinador e lenda do vôlei brasileiro. Além do meu pai, Bené descobriu outros medalhistas da seleção de prata, como Bernard e Fernandão. A idade avançada não permitia que ele entrasse nas quadras das Laranjeiras, mas, sentado em sua cadeirinha, ele observava tudo. Eu tinha três anos a menos que os demais jogadores da categoria mirim, mas conquistei um pequeno espaço no time e entrei nos jogos para sacar e defender. Nossso técnico era o Paulo Guaraná, mais conhecido como Girino. Ele era um cara rígido, mas muito humano, no ponto certo. Um cara que sabia cobrar e acolher. Era capaz de tudo para proteger o time.

Chegamos à final regional contra o Flamengo, onde conheci Leandro Vissotto, jogador extraordinário que mais tarde vive-ria comigo uma avalanche de vitórias na seleção. Perdemos o jogo, a primeira final da minha vida. Naquele momento confirmei que não gosto nem um pouco de perder, principalmente jogando vôlei.

Fiquei no Fluminense apenas um ano, mas foi uma experiência muito rica fazer parte de um time, compartilhar momentos e entender que ninguém vence sozinho.

>>>

As peregrinações do meu pai continuavam, e ele foi para Curitiba comandar o projeto do time feminino do Rexona, mas dessa vez não fui com ele. Minha mãe já estava de volta ao Brasil e segui com ela para Campinas, cidade dos meus avós maternos. No novo endereço, o destino me colocou literalmente de cara para o esporte: morávamos em frente ao clube Fonte São Paulo. O problema era que lá não tinha um time de vôlei para meninos da minha idade. Aos 12 anos, sem vôlei e cheio de energia, comecei a praticar todos os esportes que apareciam na minha frente, do futebol – em que me descobri um bom meio-campo – ao badminton.

No futebol, meu ídolo era o Túlio Maravilha, cujo nome por si só já é pura poesia. Um atacante com faro de gol, que jogava pelo Botafogo, meu time do coração. Ele não tinha a técnica dos supercampeões, mas eu era doido por ele. Túlio corria mais do que todos, lutava mais do que todos, sempre a mil por hora. A gente olhava para ele e acreditava que, se ele tinha conseguido, a gente também podia chegar lá.

Tenho uma aptidão natural para várias modalidades esportivas, provavelmente por uma questão genética: meus pais não são

os únicos atletas da família. Meu avô Carlos Luiz Mossa obteve o recorde brasileiro nos 110 metros com barreiras e ganhou o título sul-americano em 1965.

Comecei a jogar badminton porque alguns amigos jogavam, mas não demorou para os resultados aparecerem – em pouco tempo eu já competia em torneios internacionais. Com apenas 13 anos cheguei à final do Pan-americano infantojuvenil, em Guadalajara. Perdi para um chileno que não era melhor do que eu. Tudo por falta de estratégia. Meu jogo era camicaze, e naquele dia não deu certo. Lembro até hoje de cada detalhe daquela final. Mas ainda assim fiz história na competição, conquistando a medalha de ouro nas duplas mistas ao lado de uma peruana. Fui o primeiro brasileiro a levar um ouro Pan-americano no badminton.

Um ano depois, tinha me tornado o jogador mais jovem a alcançar a categoria Especial. Àquela altura eu era um adolescente jogando de igual para igual contra os adultos. E foi ali que identifiquei duas características muito evidentes da minha personalidade: sou perfeccionista e não sei lidar com a derrota.

Certa vez, durante um torneio de badminton em Blumenau, quebrei a raquete num acesso de raiva. Meu pai estava na arquibancada e me deu uma bronca depois do jogo:

– Por pouco eu não entro na quadra e tiro você de lá! Nunca mais faça isso!

Depois desse incidente, fui conversar com uma psicóloga para tentar tratar minha dificuldade de aceitar a derrota, mas a iniciativa não fez efeito naquele momento.

>>>

Em 1999 finalmente voltei a jogar vôlei. Minha disposição era tanta que eu conseguia jogar badminton, futebol e vôlei ao mesmo tempo. Fiquei revezando entre as três modalidades por uns

dois anos até que meu pai me chamou para uma conversa séria, que começou a definir o meu futuro:

– Bruno, acho que você deveria fazer uma escolha...

– Como assim? – perguntei, meio desconfiado.

– Faz dois anos que você se dedica às suas paixões. Vôlei, badminton, futebol... Você está experimentando todos os esportes de que gosta. Mas se seu objetivo for ser um atleta profissional em algum deles, sugiro que pare de pular de um esporte para outro. E eu estou aqui para te apoiar, qualquer que seja sua decisão.

Ele não sou autoritário, não queria me impor uma decisão. Estava apenas fazendo o que quase todos os pais fazem. Sua intenção era que eu focasse minhas energias.

– Vou pensar no assunto, pai – respondi.

Demorei um pouco, mas acabei escolhendo o esporte que trazia as melhores lembranças da minha infância, que aproveitava a minha genética e me levava ao lugar que mais amo desde os tempos em que era o melhor jogador sub-5 do Brasil: a quadra de vôlei.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

